

MEMÓRIA E INFÂNCIA NO ENSINO MÉDIO: UMA ATIVIDADE METODOLÓGICA COM O CONTO “HÓSPEDE SECRETO”, DE MIGUEL SANCHES NETO

Alzira Fabiana de Christo¹

Resumo: Apresentarei uma atividade metodológica a ser desenvolvida com o conto “Hóspede Secreto”, de Miguel Sanches Neto. O embasamento teórico para a leitura são as obras de Walter Benjamin consagradas à infância e rememoração e *Espaços da recordação* (2011), de Aleida Assmann. A partir dos acontecimentos ocorridos com a protagonista da narrativa, o leitor é convidado a refletir sobre a sua própria infância.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta metodológica a ser desenvolvida a partir do conto “Hóspede Secreto”, de Miguel Sanches Neto. A principal questão que estrutura a análise da narrativa são as memórias da infância. O embasamento teórico para a leitura são as obras de Walter Benjamin consagradas à infância e rememoração e *Espaços da recordação* (2011), de Aleida Assmann.

Quando eu ainda era professora da Educação Básica, solicitei um trabalho aos alunos, uma pesquisa oral sobre a história individual e familiar. Fui surpreendida quando boa parte dos discentes não sabia onde seus pais haviam nascido, as mudanças e perdas que havia acontecido nas famílias, dentre outros acontecimentos importantes da vida de cada um. Nesse sentido, o que me levou ao tema deste artigo foi vislumbrar o quanto os alunos estão distanciados de temas relacionados à memória, a acontecimentos familiares, à momento vividos na infância, enfim, assuntos relacionados ao passado. Em *Espaços da recordação* (2011), Aleida Assmann reflete sobre a precária situação da memória na sociedade de cultura de massas em que as técnicas eletrônicas são predominantes tanto para o armazenamento quanto para a circulação da memória. Segundo a teórica, a sociedade atual possui um caráter de autodestruição devido à capacidade de olhar em direção apenas ao futuro, sem se dar conta que o passado existe no presente e que permanecerá nos dias que se seguirão. A visão fragmentada tão em voga nos dias atuais faz com que não se consiga vislumbrar uma relação entre passado, presente e futuro e se queira descartar e desvalorizar o ato da rememoração assim como tudo o que não faz parte das necessidades imediatas e do mundo prático de hoje. Devido a vislumbrarmos essa característica em nossos alunos – depositam uma grande expectativa apenas no futuro – resolvemos desenvolver essa atividade. Ou seja, para que resgatem o passado e entendam a relação entre passado, presente e futuro. Para tanto, solicitamos que os alunos trouxessem fotos tiradas na infância para a sala de aula. Em uma roda de conversa, eles descreveram a foto e falaram sobre a infância: onde moravam, com quem, como eram as famílias, o que faziam, os brinquedos que possuíam, os amigos, as perdas, as mudanças que ocorreram, etc. Foi solicitado também que expusessem a imagem que possuem da infância, se de paraíso, de sofrimento, etc. Em um segundo momento da atividade, foi realizada a leitura e análise do conto “Hóspede Secreto”. Depois da análise detalhada do texto, assistimos ao curta-metragem baseado na narrativa e dirigido por Fernando Severo². Posteriormente à leitura comparativa entre a narrativa do conto e sua tradução para o cinema, foi solicitado que trouxessem um espelho, metáfora de como somos um reflexo de tudo o que vivemos. O hóspede secreto,

¹ Professora do Departamento de Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro). E-mail: alzirafabianadechristo@gmail.com.

² Disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=46Q42c3apFU>, acessado em 27/08/2018

então, é o que cada um traz dentro de si. Ao resgatar essas experiências da infância, somos conduzidos a retornar ao passado, a interrogar o presente e nossa própria contemporaneidade. A rememoração da infância é a possibilidade de pensar sobre o presente, sobre o que nos aprisiona e conseqüentemente construir um futuro diferente e uma nova História.

Se perder para se encontrar: uma leitura de “Hóspede Secreto”

“Hóspede Secreto”, conto que dá título à primeira coletânea de contos publicada por Miguel Sanches Neto trata, dentre outras questões, das armadilhas de dentro³, armadilhas que são assimiladas aos poucos e se instalam na raiz do nosso pensamento e, muitas vezes, nos tornam reféns. “A partir das cinco da manhã, o canto do galo me enche a vida de sensações boas” (HS, p. 109)⁴, é assim que a narradora do conto explica o motivo pelo qual divide seu apartamento, na região central de Curitiba, com Rodô, um galo que canta todas as manhãs por volta das cinco horas, o que proporciona a ela uma viagem a um outro tempo: a infância vivida no interior.

A narradora de “Hóspede Secreto”, logo no início do conto, explica como é o seu cotidiano, como é viver em uma metrópole do porte de Curitiba, ela descreve os principais acontecimentos do dia, o trabalho desempenhado por ela como telefonista, uma atividade, segundo ela, extremamente repetitiva. A rapidez das atividades, característica primordial do mundo moderno, principalmente em relação às funções desempenhadas nas grandes indústrias, é algo de destaque no conto, do mesmo modo, a anulação do ser humano em relação às suas necessidades primordiais. O trabalho é tão repetitivo e por isso desgastante que a mulher não precisa mais pensar para desenvolvê-lo, “O trabalho de uma telefonista não dá descanso e durante todo o dia não tenho tempo para pensar em nada. Tudo é rápido demais e logo estou no ônibus de novo, entregue a meus pensamentos” (HS, p. 108).

Do mesmo modo, já no início da narrativa, a mulher destaca o quão solitária é mesmo vivendo entre tantas pessoas. É como se ela estivesse explicando toda a sua vida, o quanto é enfadonho e difícil viver solitária – sem amigos e parentes – em uma grande cidade, para que o leitor compreenda a sua atitude de comprar um galo.

O canto do galo ao amanhecer, lhe encaminha ao mundo paradisíaco da infância, à convivência com os pais, com o irmão, a volta a um tempo feliz, de prazeres e descobertas do qual ela sente saudades, também, por estar distante geograficamente. Depois que Rodô passou a viver com ela, muitas coisas mudaram, acrescentou atividades a sua rotina – já que cuidar de um animal demanda certo trabalho e dedicação. Ela precisava, agora, se preocupar com a alimentação do galo, a limpeza do espaço em que ele estava alojado para que ele se sentisse bem. Seus dias rotineiros passaram a ser preenchidos com essas preocupações, e, sobretudo, pela companhia do galo, isto é, pelo prazer que ele representava simbolicamente. Isso tudo traz mudanças à vida da mulher, mudanças positivas em relação a questões emocionais e a dores físicas causadas pelo estresse do dia a dia.

A presença do galo em sua vida remete a um período em que o tempo não era delimitado por cronômetros de relógios ou a rapidez da produção nas fábricas. É um “tempo paradisíaco” em que viviam homens e animais em harmonia e liberdade, inclusive nos quintais das casas – tão ausentes dos lares nos dias de hoje. Durante uma soneca que faz após o almoço de sábado, a mulher diz:

³ Aqui faço uma alusão ao texto de Mia Couto “Quebrando as armadilhas da opressão no mundo” em que o autor fala das armadilhas que nos aprisionam.

⁴ Todas as citações da obra de Sanches Neto referem-se a: SANCHES NETO, Miguel. *Hóspede secreto*. Rio de Janeiro: Record, 2003. E serão referenciadas apenas com a abreviatura (HS) e com a indicação da página.

“Sonho com a chácara de papai, com os animais que tínhamos. Nossos brinquedos eram sempre os animais e vivíamos mais no quintal do que em qualquer outro lugar” (HS, p. 111).

Com o passar dos dias, o galo, para a mulher, adquire algumas características humanas. Seu comportamento diante de alguns acontecimentos do cotidiano demonstra que ele se adaptou bem à nova rotina – viver em um apartamento – e que está feliz com os cuidados e companhia da sua amiga. Ele compreende tão bem a dinâmica do novo lar que se demonstra surpreso com o toque da campainha no dia em que o síndico os surpreende com uma visita para fiscalizar se era daquele apartamento que soava, todas as manhãs, o canto do galo – do qual os condôminos tanto reclamavam – “Rodô anda em volta de minhas pernas, aprovando tudo. Mas fica quieto quando ouve a campainha. Assim como eu, não gosta de visitas, ainda mais numa manhã de sábado” (HS, p. 110). Depois de esconder o galo em uma máquina de lavar – antiga e grande – “[...] Quando a comprei, numa loja de móveis usados, jamais poderia imaginar que teria esta utilidade. Ela toma quase todo o espaço da lavanderia. Isso antes me incomodava” (HS, p. 110). A escolha da máquina de lavar soa como um indício de que, de fato, a mulher não pertence aquele espaço, que seu lugar é outro. Em seguida, ela reflete sobre o fato de não se sentir enraizada naquela cidade e comenta sobre a repulsa dos moradores em relação ao que o galo representa.

O mote principal do conto ocorre a personagem compreende o motivo pelo qual Rodô não é aceito pelos moradores da grande cidade. A descoberta de que Rodô não pertence aos seus dias atuais acontece quando ela percebe que se enganou em relação ao galo. Ele não é o mesmo da infância, inclusive há uma inversão de valores no momento em que ela o compra, o que faz com que fique explícito que aquele passado pertence somente às memórias. Ela não é a mesma, assim como o galo não é aquele criado nos quintais do interior. Rodô foi comprado em uma veterinária, lugar em que os animais são reproduzidos e colocados à venda com uma única intenção: o lucro, o que contraria os valores do “tempo paradisíaco” em que o homem vivia de forma quase primitiva e os animais não eram considerados conforme o seu valor de mercado. Ao contrário, antes do surgimento dessa nova mentalidade político-econômica, responsável pela transposição de valores, os animais tinham outro sentido na relação entre homens e animais. Estes tinham um papel fundamental tanto no que diz respeito ao auxílio nas lides do campo – é o boi que puxa o arado – à organização do dia a dia – é o canto do galo que desperta – quanto às brincadeiras em que os animais eram os brinquedos para as crianças. Nesse sentido, o galo se torna vítima de uma espécie de artificialização da natureza, em razão de uma necessidade afetiva humana. A domesticação à qual o animal foi submetido não abrange a sua essência verdadeira e é desse fato que se desenvolve uma reflexão que, certamente, não se refere somente aos animais.

Ao fazer a viagem a sua terra natal – Peabiru – e, ao chegar ao sítio que pertencia à família, a fim de levar o galo para o seu universo original, a mulher percebe que tudo foi alterado. A viagem empreendida pela mulher até o sítio de sua infância demonstra que ela parece aceitar as mudanças ao longo da vida e essa nova configuração social, mesmo que isso lhe cause alguma dor e tristeza. Ao levar o galo para o interior, ela percebe que não pertence mais aquele espaço, justamente porque ele não existe mais a não ser no plano da memória. Mais uma vez ela se depara com as mudanças provocadas pela passagem do tempo e a modernização no campo, fruto da ordem econômica vigente.

É, primeiramente, na aparência física do irmão que ela percebe o transcurso do tempo. Ao perceber que as marcas do tempo estão presentes na face do irmão, a mulher reconhece que “somos enganados quando nos lembramos do passado. É o passado de outra pessoa” (HS, p. 118). Nesse sentido, a personagem de “Hóspede secreto” reconhece que não há como voltar no tempo, que não é possível voltar ao *tempo perdido*, ela percebe, como outros personagens de Sanches Neto, que voltar ao passado pode ser uma maneira para entender o presente, para curar

as feridas, o que aprisiona e adoce. Do mesmo modo, a personagem reconhecesse o quanto a memória trai determinadas expectativas e até convicções do ser humano. Ou seja, justamente por ser composta, também, a partir de aspectos afetivos, nem sempre a imagem presente na memória é a verdadeira. O reconhecimento da mulher de que ela não pertence mais aquele espaço ocorre de duas maneiras: recusar ao irmão a possibilidade de ficar, “se eu ficar, vou estar alimentando a farsa. Fazendo com que ela seja maior. Não posso mais me iludir” (HS, p. 118), e reconhecer o galo como um substantivo comum, “agora ele não é mais Rodô, apenas o galo. Substantivo comum” (HS, p. 118).

O retorno da personagem à Curitiba representa o reconhecimento dela em relação ao futuro, ou seja, de que ele é cheio de possibilidades. O passado é imutável, mas o futuro é possível alterar, principalmente depois de reconhecer que seus anseios e conflitos existiam porque ela se iludia em relação ao passado, mas reconheceu que não é mais possível voltar a ele. A sociedade mudou, a pequena propriedade se tornou latifúndio, a casa deu espaço à plantação de soja, nem ela é a mesma, há com o passar dos anos a transformação do corpo, um novo rosto, a aquisição de diferentes e novas ideias, costumes e comportamentos. Deste modo, a mulher parece entender e, de certa forma, resolver seus problemas emocionais. A impressão que se tem é que ela retorna à Curitiba com um novo olhar, o de que a memória não deve mais lhe perturbar nem tirar o sono porque aquele passado não existe mais. O que ela deve fazer é tentar viver, da melhor forma, no presente. O que aconteceu com ela foi um mal-entendido, a vida que ela almejou por tanto tempo retornar, não existe mais.

O galo, por sua vez aparece no texto como um animal que faz companhia à mulher e lhe abstrai da vida degradada na qual ela está inserida. A degradação humana aparece no texto em vários momentos, às vezes vinculada às condições de trabalho, às vezes em relação à própria existência, mas sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos humanos: a falta de diálogo, incompreensão, intolerância, etc. Contudo, o galo não aparece no texto como um simples animal, ou seja, por coincidência. Simbolicamente, o galo não é somente o anunciador da chegada do sol, mas é aquele que traz luz para o espírito humano. O galo seria o animal que auxilia o ser humano a revelar a si próprio aquilo que está no seu âmago, que não lhe faz bem, que precisa ser afastado.

Conforme se pode perceber ao longo da análise, o galo teve um papel fundamental para a aprendizagem da mulher, para ela perceber que a infância paradisíaca existia apenas no plano da memória. Nesse sentido, ela não poderia ter outro animal como companheiro, já que cabe ao galo a tarefa de “alertar” os indivíduos, de lhes auxiliar quanto à evolução interior para que consigam alcançar o equilíbrio existencial. Assim, o galo não é exatamente o hóspede secreto, mas sim o hóspede que vai ajudar a revelar o que está escondido: as emoções, as alegrias, os medos, as angústias, enfim, é o galo que vai ajudar a mulher a alcançar o autoconhecimento, ainda que isso não seja nada confortável numa sociedade marcada pela ausência de reflexão. Eles dois irão revelar o quanto o ser humano oculta determinados sentimentos em detrimento das convenções estabelecidas. O hóspede secreto, então, é o que cada um traz dentro de si. Nesse sentido, a presença do animal no conto pode significar também uma espécie de “armadilha” que irá revelar profundas marcas existenciais das personagens. Ou seja, são pensamentos que se apoderam dos sujeitos e o tornam pessoas infelizes por não saberem lidar com as perdas e com as idealizações, no caso específico do conto, a narradora, uma mulher de meia idade, se encontra em poder das memórias da infância e torna seu presente melancólico uma vez que idealiza todo um universo que não existe mais a não ser no plano da memória. Ao retornar ao local onde passou a infância e vislumbrar as mudanças, a personagem faz uma pausa no seu tempo histórico e compreende que o retorno só é possível por meio da memória, tudo está alterado, não convém idealizar, o único jeito é compreender as mudanças e direcionar a vida de forma diferente, empreender dias melhores.

Em “Hóspede secreto” Miguel Sanches Neto convida seu leitor a ouvir as vozes sociais e coletivas, mas também as vozes internas, aquelas que fazem parte dos pensamentos, que as pessoas assimilam como verdades absolutas e a partir delas estruturam toda uma vida. Por meio da narrativa, o autor convida o leitor a se perder assim como faz a personagem de “Hóspede secreto”.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas v. I)

_____. *Rua de mão única*. Trad. Rubens R. T. Filho e José C. M. Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011. (Obras escolhidas v. II)

_____. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CASTRO, Cláudia Maria de. “A arte de caçar borboletas”. In: KOHAN, Walter Omar. *Devir-criança da filosofia: Infância da educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

COUTO, Mia. Quebrando as armadilhas da opressão no mundo. *Leitura: Teoria & Prática*, Revista da Associação de Leitura do Brasil, a. 26, n. 50, jun. 2008.

NETO, Miguel Sanches. *Hóspede secreto*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

_____. *Chove sobre minha infância*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Venho de um país obscuro*. Travessa dos editores: 2000.

_____. *Herdando uma biblioteca*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. *Infância, experiência e trabalho docente*. 2007. (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Marília, 2007.

TEIXEIRA, Mona Lisa Bezerra. *Imagens da infância na obra de Clarice Lispector*. 2010. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin). In: PAGNI, Pedro Angelo; GELAMO, Rodrido Pelloso (Org.). *Experiência, Educação e Contemporaneidade*. Marília: Poiesis: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.